



Prezado aluno,

Este módulo é parte do material didático que será utilizado na disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação, do curso de Licenciatura em Pedagogia da UESC.

Ele foi produzido pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) que cedeu sua utilização nos cursos de Educação a Distância da UESC.

Reitor

Prof. Antonio Joaquim Bastos

Vice-reitora

Prof^a. Adélia Maria C. M. Pinheiro

Pró-reitora de graduação - PROGRAD

Prof^a. Flávia Azevedo de Mattos Moura Costa

Coordenadora UAB – UESC

Prof^a. Maridalva de Souza Penteado

Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia

Prof. Maria Elizabete Souza Couto

METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO



MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DOS SANTOS
SAULO RIBEIRO DOS SANTOS

METODOLOGIA DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

SÃO LUÍS



2010

Governadora do Estado do Maranhão
ROSEANA SARNEY MURAD

Reitor da UEMA
PROF. JOSÉ AUGUSTO SILVA OLIVEIRA

Vice-reitor da UEMA
PROF. GUSTAVO PEREIRA DA COSTA

Pró-reitor de Administração
PROF. JOSÉ BELLO SALGADO NETO

Pró-reitor de Planejamento
PROF. JOSÉ GOMES PEREIRA

Pró-reitor de Graduação
PROF. PORFÍRIO CANDANEDO GUERRA

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação
PROF. WALTER CANALES SANT'ANA

Pró-reitora de Extensão e Assuntos Estudantis
PROF^a. GRETE SOARES PFLUEGER

Chefe de Gabinete da Reitoria
PROF. RAIMUNDO DE OLIVEIRA ROCHA FILHO

Diretora do Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais - CECEN
PROF^a. ANDRÉA DE ARAÚJO

Edição:
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
NÚCLEO DE TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO - UEMANET

Coordenador do UemaNet
PROF. ANTONIO ROBERTO COELHO SERRA

Coordenadora Pedagógica:
MARIA DE FÁTIMA SERRA RIOS

Coordenadora do Curso de Pedagogia, a distância:
HELOÍSA CARDOSO VARÃO SANTOS

Coordenadora de Produção de Material Didático UemaNet:
CAMILA MARIA SILVA NASCIMENTO

Responsável pela Produção de Material Didático UemaNet:
CRISTIANE COSTA PEIXOTO

Professores Conteudistas:
MARIA DE FÁTIMA RIBEIRO DOS SANTOS
SAULO RIBEIRO DOS SANTOS

Revisão:
LILIANE MOREIRA LIMA
LUCIRENE FERREIRA LOPES

Diagramação:
JOSIMAR DE JESUS COSTA ALMEIDA
LUIS MACARTNEY SEREJO DOS SANTOS
TONHO LEMOS MARTINS

Projeto Gráfico e Capa:
LUCIANA VASCONCELOS

Copyright © UemaNet

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
NÚCLEO DE TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO - UEMANET
Campus Universitário Paulo VI - São Luís - MA
Fone-fax: (98) 3257-1195
<http://www.uemanet.uema.br>
e-mail: comunicacao@uemanet.uema.br

Proibida a reprodução desta publicação, no todo ou em parte, sem a prévia autorização desta instituição.

Santos, Maria de Fátima Ribeiro dos.
Metodologia da pesquisa em educação / Maria de Fátima Ribeiro dos Santos, Saulo Ribeiro dos Santos.
- São Luís: UemaNet, 2010.

67 p.

ISBN: 978-85-63683-00-6

1. Metodologia da pesquisa. 2. Pesquisa educacional. I. Santos, Saulo Ribeiro dos. II. Título

CDU: 001.8:37

SUMÁRIO

UNIDADE 1

PROCESSO DA PESQUISA EDUCACIONAL	11
Fase do planejamento	13
Fase da execução	22
Fase da redação ou comunicação	24

UNIDADE 2

BASES EPISTEMOLÓGICAS E TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL	29
Positivismo	30
Fenomenologia	33
Dialética	36

UNIDADE 3

MÉTODOS DE PESQUISA	41
Método qualitativo	42
Método quantitativo	48

UNIDADE 4

PROJETO E RELATÓRIO DE PESQUISA	51
Construção do projeto	51
Estrutura do relatório	58
REFERÊNCIAS	61

INTRODUÇÃO

A pesquisa é um processo no qual o homem busca soluções para suas indagações. Através da pesquisa, é possível descobrir um novo mundo, onde o conhecimento adquirido transforma-se em ciência.

Desta forma, é possível explicar as razões, fatos e fenômenos que acontecem na Terra. Pois, com a descoberta dos problemas, torna-se mais fácil a compreensão dos mesmos. Para aprimorar mais a ciência, é necessário que se faça pesquisas, pois esta é a base elementar para um estudo mais aprofundado do tema, o qual você está investigando.

Com a pesquisa em educação será possível desvendar novos procedimentos e meios para alcançar objetivos que trarão oportunidades de leitura, a partir dos resultados obtidos.

No processo de pesquisa, a investigação é fundamental para que todos nós alfabetizados possamos aprender a ver o mundo ao nosso redor e questionar o que isso significa.

A ciência, através da pesquisa, nos faz pensar e ter uma postura diferenciada, e também, refletir sobre a realidade e os acontecimentos, tornando o pesquisador mais crítico. A metodologia da pesquisa é mais que uma disciplina, pois esta introduz o pesquisador no mundo da ciência, possibilitando ao mesmo a compreensão e a concepção sobre o que devemos realizar e que atitude tomar, fundamentando-se no lógico e no racional.

A metodologia da pesquisa está em todas as outras disciplinas o que a torna necessária para a tarefa complexa que é a criação do conhecimento. Você aprenderá as vantagens que os métodos científicos e de pesquisa trazem a tona, no momento em que você passa a ver o mundo de forma diferente para melhor julgá-lo.

Portanto, esta apostila visa suprir a falta de publicações em língua portuguesa sobre o assunto, para atender a demanda de profissionais de educação que buscam bibliografia especializada.

A ementa da disciplina visa trabalhar com o processo da pesquisa educacional; bases epistemológicas e teórico-metodológicas da investigação educacional; métodos de pesquisa; projeto e relatório de pesquisa.

ÍCONES

Orientação para estudo

Ao longo desta apostila, serão encontrados alguns ícones utilizados para facilitar a comunicação com você.

Saiba, abaixo, o que cada um significa.



ATIVIDADES



SAIBA MAIS



GLOSSÁRIO



PROCESSO DA PESQUISA EDUCACIONAL

O desafio fundamental de toda universidade é a pesquisa, que se define segundo Demo (1994b) como “princípio científico e educativo.” Como princípio científico, a pesquisa se apresenta como instrumentação teórico-metodológica para construir conhecimento. Como princípio educativo a pesquisa é um suporte essencial da educação emancipatória que perpassa pelo questionamento crítico e criativo. Neste caso, educação e pesquisa são princípios importantes que se relacionam numa mútua necessidade do aprender e do fazer acadêmico.

No entender de Pádua (2000, p. 31) “[...] num sentido amplo, a pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquietação da realidade [...].”

Mediante essa necessidade de solução de problemas a pesquisa percorre um caminho chamado processo. Alguns autores dividem esse processo em três ou quatro momentos.



OBJETIVO DESTA UNIDADE:

Conhecer o processo da pesquisa no contexto educacional.

Luckesi et al (1991) aponta três momentos: 1. Decisório ou identificação temática; 2. Operacional; 3. Redacional e comunicativo (Quadro 1).

MOMENTOS	FUNÇÕES	ATIVIDADES
1. <i>Decisório</i> ou identificação temática	Planejar a pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Escolha do assunto • Seleção de um tema • Identificação de um problema ou criação de uma questão referente ao tema definido • Sugestão de possível resposta à questão-problema, elaboração de hipótese(enfoque a ser defendido) • Elaboração de plano provisório
2. <i>Operacional</i>	Executar a pesquisa: coletar informações e estruturar a redação	<ul style="list-style-type: none"> • Seleção da bibliografia • Leitura da documentação • Disposição das fichas de documentação em ordem alfabético-temática • Construção orgânica e inteligente de ideias, segundo o plano provisório, aperfeiçoando-o se for o caso
3. <i>Redacional e comunicativo</i>	Apresentar os resultados da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Redação preliminar • Redação definitiva dos resultados e conclusões

Quadro 1: Passos do processo de elaboração do trabalho científico
 Fonte: Luckesi et al. (1991, p. 175)

Este processo de pesquisa de Luckesi et al. está direcionado para uma pesquisa puramente bibliográfica.

Pádua (2000) indica quatro momentos marcantes, a saber: “Etapa I- O projeto de pesquisa; Etapa II- A coleta de dados; Etapa III- A análise de dados; Etapa IV- A elaboração escrita”.

No dizer de Minayo (1998, p. 25-26, grifo da autora):

[...] a pesquisa é um labor artesanal, que se prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições e técnicas, linguagem esta que se constrói com ritmo próprio e particular. A esse ritmo denominamos *ciclo da pesquisa*, ou seja, um processo de trabalho espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações.

Reforçando ainda, a autora destaca que o processo começa com a **fase exploratória, trabalho de campo**, e por fim, o **tratamento do material**.

Levando-se em consideração o processo de pesquisa destacado pelos autores supra, procura-se apresentar três fases do processo de pesquisa educacional, a saber: **fase do planejamento, fase da execução e fase da redação**.

Fase do Planejamento

Nesta fase o pesquisador irá se envolver com a escolha do tema, o levantamento bibliográfico, a formulação do problema, a construção de hipóteses, a justificativa pela escolha do tema, os objetivos e a metodologia.

a) **Escolha do tema** - com a escolha ou seleção do tema inicia-se o processo de planejamento. A escolha do tema define

a área de interesse a ser pesquisada. Segundo Barros e Lehfeld (1991, p. 26) a definição dos temas pode surgir: “da observação do cotidiano, da vida profissional, de programas de pesquisa, de contato e relacionamento com especialistas, do feedback de pesquisas já realizadas e do estudo de literatura especializada.” Além desses, o pesquisador deverá levar em consideração a atualidade e a relevância de sua escolha, o seu conhecimento a respeito do assunto, a sua preferência e a sua aptidão pessoal para lidar com o tema escolhido. Granemann (2007) diz que escolher um assunto significa eliminar outros, também, interessantes. Fixar-se num, entre outros, pressupõe havê-lo priorizado a partir de critérios que o levam a tal escolha. Assunto é qualquer tema que se deseja esclarecer ou aprofundar. Inicialmente, situa-se o assunto numa das áreas do saber humano, por exemplo: Ciências Sociais, Ciências Aplicadas, Ciências Humanas etc. Isso não quer dizer que tal assunto não tenha conexões com outras áreas. É sempre bom explorar os “ganchos” que podem ser estabelecidos e isso fica a critério do pesquisador. Seja ele teórico ou prático deve atender ao gosto, à capacidade e à formação do pesquisador. Tema fácil demais e sem suporte bibliográfico não vale a pena. Temas à primeira vista fáceis contêm, não raro, graves dificuldades na hora de pesquisar. Às vezes, levam o pesquisador por labirintos sem saída. É importante ter bom senso no momento da definição do assunto de pesquisa. Dencker (2004) diz que o tema deve ser do interesse do pesquisador e estar situado em sua área de conhecimento. Portanto, é necessário que o pesquisador domine o assunto e esteja apto a manejar as fontes de consulta. A escolha do tema implica delimitar o assunto de pesquisa, ou seja, fixar a sua extensão. Delimitar significa restringir. Portanto, decompor, desdobrar o assunto, fixar o enfoque a ser dado, o contexto histórico, espaço e tempo. Normalmente, quanto mais você restringir o assunto, maior possibilidade de você ter sucesso.

EX: EVASÃO NO 3º GRAU

b) Levantamento bibliográfico - nesta fase o pesquisador irá levantar e conhecer o que já foi publicado sobre o assunto, procurando verificar os aspectos abordados e também quais as lacunas existentes na literatura. É muito importante buscar esclarecimento acerca dos principais conceitos que envolvem o tema, bem como, pesquisas empíricas recentes que abordem o assunto. Mediante o conhecimento da literatura o pesquisador terá maiores condições de formular o problema de pesquisa. Por isso, enfatiza-se que é fundamental que o pesquisador tenha domínio do tema, para que busque em locais específicos o material necessário de acordo com o tema que está pesquisando. Além disso, é necessário que o pesquisador busque em fontes diversas como monografias, livros, artigos, sites, anais, teses, dissertações, cartas, entre outros, de preferência em sua língua e em outras que forem necessárias. Destaca-se também a importância de buscar fontes recentes e que foram publicadas há pelo menos dez anos.

c) Formulação do problema - nesta etapa o pesquisador irá definir o problema, procurando especificá-lo em detalhes precisos e exatos. Deve haver clareza, concisão e objetividade. Deve ser preciso não envolver valores, ser possível de medir e passível de solução. Recomenda-se que este deva ser em forma de pergunta ou forma interrogativa e não esquecer que sua delimitação guarda estreita relação com os meios disponíveis para investigação.

Como se vê, é na formulação do problema que deve acontecer a especificação/delimitação mais precisa do tema. Nele se esclarece a dificuldade específica com a qual se defronta e o que se pretende resolver por intermédio da pesquisa.

EX: QUAIS AS CAUSAS DA EVASÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIVERSIDADE X NO PERÍODO Y?

d) Construção de hipóteses - a hipótese é uma resposta provisória ao problema formulado; deve ser testada para determinar sua validade. Sua função é propor explicação para certos fatos e ao mesmo tempo orientar para busca de novas informações. O embasamento teórico é sempre necessário para a construção

das hipóteses. Marconi e Lakatos (2003, p.161-162) dizem que para estudos

“meramente exploratórios ou descritivos, seja dispensável sua explicitação formal [...]. Entretanto, a utilização de uma hipótese é necessária para que a pesquisa apresente resultados úteis, ou seja, atinja níveis de interpretação mais alto”.

A elaboração ou formulação das hipóteses de trabalho requer astúcia e maturidade. Ela precisa ser bem formulada e significativa, ser fundada em conhecimento prévio. A formulação de uma hipótese diz respeito aos elos, às conexões que poderão ser feitas. As hipóteses são elaboradas de forma afirmativa, respondendo ao problema formulado. Na realidade, a teoria só evolui quando se nega a hipótese.

EX: AS CAUSAS DA EVASÃO DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA, DA UNIVERSIDADE X, NO PERÍODO Y, OCORREM DEVIDO AOS SEGUINTE ASPECTOS: CONDIÇÕES ECONÔMICAS DA FAMÍLIA (NECESSIDADE DE TRABALHAR PARA AJUDAR A FAMÍLIA); PROFESSORES NÃO COMPROMISSADOS COM O ENSINO (FALTA DE PROFESSORES); DIFICULDADE EM ACOMPANHAR AS AULAS TEÓRICAS; QUESTÕES AMOROSAS (CASAMENTO); INCOMPATIBILIDADE COM HORÁRIO DO TRABALHO; NÃO TEM AFINIDADE COM O CURSO.

- e) **Justificativa** - nesta etapa o pesquisador irá apresentar os motivos que o levaram a escolher aquele tema e não outro. Nela, apresentam os argumentos convincentes sobre: a importância social, política, científica, prática etc.; sobre a oportunidade de realizar a pesquisa naquele órgão, escola, empresa etc. e também sobre a viabilidade de ter acesso a fontes primárias e secundárias. Para a elaboração da justificativa, recomenda-se a seguinte ordem: motivos que levaram à escolha do tema; importância e relevância do tema; justificar a delimitação e definição clara do que vai ser abordado; apontar para a atualidade do tema e se ele apresenta alguma originalidade; o estágio em que se encontra a teoria respeitante do tema; viabilidade da execução da pesquisa; vínculos do tema com um quadro teórico referencial; utilidade e necessidade da realização da pesquisa. Enfim, a justificativa deve convencer a quem for ler o projeto, com relação à relevância e as

contribuições que irão proporcionar à comunidade tanto acadêmica quanto científica.

- f) **Objetivos** - ao elaborar os objetivos o pesquisador deve manter a coerência entre o tema/problema. Ou seja, significam delimitar com maior clareza o que o pesquisador pretende fazer, tornando o problema mais explícito e mais bem apresentado. Objetivos bem claros ajudarão a formular a divisão, quer das partes, quer dos capítulos ou tópicos do tema em questão. O objetivo geral representa aquilo que se pretende alcançar no seu sentido mais amplo e os específicos serão os desdobramentos do objetivo geral. Os enunciados dos objetivos devem começar com um verbo no infinitivo, indicando uma ação passível de mensuração. Como exemplo, tem-se os verbos que podem ser usados na formulação dos objetivos (Quadro 2).

CONHECIMENTO	COMPREENSÃO	APLICAÇÃO	ANÁLISE	SÍNTESE	AValiaÇÃO
Anunciar	Abstrair	Aplicar	Analisar	Compor	Apreciar
Apontar	Compreender	Aplicar	Calcular	Conjugar	Avaliar
Citar	Concluir	Demonstrar	Catalogar	Construir	Escolher
Classificar	Converter	Desenvolver	Categorizar	Criar	Estimar
Conhecer	Deduzir	Dramatizar	Classificar	Desenhar	Hierarquizar
Definir	Demonstrar	Empregar	Comparar	Dirigir	Julgar
Descrever	Descrever	Esboçar	Conhecer	Escrever	Medir
Identificar	Determinar	Estruturar	Contrastar	Especificar	Selecionar
Inscrever	Diferenciar	Generalizar	Criticar	Esquematizar	Taxar
Marcar	Discutir	Ilustrar	Debater	Exigir	Testar
Nomear	Explicar	Interpretar	Descobrir	Formular	Validar
Reconhecer	Expressar	Inventariar	Detectar	Integrar	Valorizar
Recordar	Extrapolar	Operar	Determinar	Organizar	Verificar
Registrar	Identificar	Organizar	Diferenciar	Prestar	Argumentar
Relacionar	Interpretar	Planejar	Disciplinar	Produzir	Contrastar
Relatar	Localizar	Praticar	Distinguir	Propor	Decidir
Repetir	Narrar	Preparar	Estimar	Reunir	
Sublinhar	Reafirmar	Realizar	Examinar	Sintetizar	
	Revisar	Reparar	Experimentar	Teorizar	
	Traduzir	Resolver	Explorar	Documentar	
	Transcrever	Selecionar	Investigar		
		Sequenciar	Observar		
		Traçar	Organizar		
		Usar	Provar		
			Discriminar		
			Separar		

Quadro 2: Tipos de verbos a serem utilizados para a formulação dos objetivos

g) Metodologia - Nesta etapa o pesquisador irá definir onde e como será realizada a pesquisa. Todo projeto de pesquisa precisa apresentar uma proposta metodológica. A metodologia é passo imprescindível no desenvolvimento de uma pesquisa. Ela define como e com que o pesquisador desenvolverá o estudo, e se tem como viabilizá-lo. Aqui deve aparecer o local da pesquisa, o método utilizado (se quantitativo ou qualitativo), o tipo de pesquisa, a população (universo da pesquisa), a amostragem, os instrumentos da coleta de dados, a forma de tabulação e a análise dos dados.

Para a melhor compreensão a respeito dos tipos de pesquisa procura-se apresentar as tipologias de delineamento de pesquisa sem agrupamento e com agrupamento (Quadro 3 e 4).

BRUYNE ET AL. (1977)	CERVO E BERVIAN (1983)	DEMO (1985)	TRIVIÑOS (1987)	GIL (1999)
Estudo de caso	Pesquisa bibliográfica	Pesquisa teórica	Estudos exploratórios	Pesquisa bibliográfica
Comparação	Pesquisa descritiva	Pesquisa metodológica	Estudos descritivos	Pesquisa documental
Experimentação	Pesquisa experimental	Pesquisa empírica	Estudos experimentais	Pesquisa experimental
Simulação		Pesquisa prática		Pesquisa ex-post-facto
				Levantamento
				Estudo de campo
				Estudo de caso

Quadro 3: Tipologias de delineamento de pesquisa sem agrupamentos
Fonte- Beuren (2003, p. 78)

ANDRADE (2002)	VERGARA (1997)	SANTOS (1999)
Quanto à natureza - trabalho científico original - resumo de assunto	Quanto aos fins - exploratória - descritiva - explicativa - metodológica - aplicada - intervencionista	Quanto aos objetivos - exploratórias - descritivas - explicativas
Quanto aos objetivos - pesquisa exploratória - pesquisa descritiva - pesquisa explicativa	Quanto aos meios - pesquisa de campo - pesquisa de laboratório - telematizada - documental - bibliográfica - experimental - ex-post-facto - participante - pesquisa-ação - estudo de caso	Quanto aos procedimentos de coleta - experimento - levantamento - estudo de caso - pesquisa bibliográfica - pesquisa documental - pesquisa-ação - pesquisa participante - pesquisa ex-post-facto - pesquisa quantitativa - pesquisa qualitativa
Quanto aos procedimentos - pesquisa de campo - pesquisa de fontes de papel		Quanto às fontes de informação - campo - laboratório - bibliográfica
Quanto ao objeto - pesquisa bibliográfica - pesquisa de laboratório - pesquisa de campo		

Quadro 4: Tipologias de delineamentos de pesquisas com agrupamentos
Fonte: Beuren (2003, p. 79)

Vale também conhecer o modelo clássico de pesquisa com agrupamento proposto por Silva e Menezes (2000).

Do ponto de vista da sua natureza pode ser:

- a) *Pesquisa básica*: tem por finalidade gerar novos conhecimentos para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista.
- b) *Pesquisa aplicada*: tem por finalidade gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos a problemas específicos. É motivada pela necessidade prática e pela curiosidade do pesquisador.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, pode ser:

- a) *Pesquisa quantitativa*: tudo que pode ser quantificável, traduzir em números opiniões e informações para classificá-

los e analisá-los. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc.).

- b) *Pesquisa qualitativa*: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Ou seja, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicos no processo de pesquisa qualitativa.

Do ponto de vista de seus objetivos, pode ser:

- a) *Pesquisa exploratória*: visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses.
- b) *Pesquisa descritiva*: visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.
- c) *Pesquisa explicativa*: visa identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento da realidade porque explica a razão, o “porquê” das coisas.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, pode ser:

- a) *Pesquisa bibliográfica*: quando elaborada a partir de material já publicado como livros, monografias, artigos, teses, dissertações, periódicos e os que estão disponibilizados na internet.
- b) *Pesquisa documental*: quando elaborada a partir de materiais que não receberam tratamento analítico como cartas, ofícios, certidão, boletins estatísticos, relatórios, leis etc.
- c) *Pesquisa experimental*: quando se determina um objeto de estudo, seleciona-se as variáveis que seriam capazes de influenciá-los, define-se as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

- d) *Levantamento*: quando a pesquisa envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento deseja conhecer.
- e) *Estudo de caso*: quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.
- f) *Pesquisa Ex-post-facto*: quando o experimento se realiza depois dos fatos.
- g) *Pesquisa ação*: quando concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo.
- h) *Pesquisa participante*: quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

Outro aspecto que deve a ser também trabalhado são as amostras que podem ser probabilísticas e não- probabilísticas:

1. Não- probabilísticas:

- a) Amostras acidentais: compostas por acaso, com pessoas que vão aparecendo;
- b) Amostras por quotas: diversos elementos constantes da população/universo, na mesma proporção;
- c) Amostras intencionais: escolhidos casos para amostra que representam o “bom julgamento” da população/universo.

2. Probabilísticas:

- a) Amostras casuais simples: cada elemento da população tem oportunidade igual de ser incluído nas amostras;
- b) Amostras casuais estratificadas: cada estrato definido, previamente, estará representado nas amostras;
- c) Amostras por agrupamento: reunião de amostras representativas de uma população.

Assim a etapa do planejamento deve terminar com a elaboração do projeto de pesquisa, assunto que será apresentado na unidade 4.

Fase da execução

Após a execução do projeto, o pesquisador dará início à etapa da coleta de dados necessárias ao desenvolvimento da sua pesquisa, que tem por finalidade reunir os dados pertinentes ao problema a ser investigado. Nesta etapa, o pesquisador deve ter a leitura como companheira essencial para a redação do relatório, pois a execução do mesmo exige compreensão sobre a temática a ser abordada, por isso, a busca incessante sobre o tema. Além disso, a concentração em buscar o material que melhor auxilie na pesquisa.

Os principais recursos técnicos utilizados nesta fase são: pesquisa bibliográfica, documental, pesquisa experimental (de campo ou de laboratório), entrevistas, questionários, formulários, observação sistemática e estudo de caso.

Como se pode observar tem-se a fase de coleta de dados teóricos e a fase de coleta de dados empíricos.

Na primeira o objetivo é colocar o pesquisador em contato com o que já foi produzido e registrado a respeito do tema/problema. Aqui acontece a leitura analítica e interpretativa tendo o fichamento como método de registro para informações selecionadas.

Na segunda o objetivo é colocar o pesquisador em contato direto com as pessoas, afim de obter opiniões, experiências, fatos etc.

Assim, os instrumentos de coleta de dados tradicionais são: observação, entrevista, questionário e formulário.

1. Observação: quando se utiliza os sentidos na obtenção de dados de determinados aspectos da realidade. A observação pode ser:

- a) Observação assistemática: não tem planejamento e controle previamente elaborados;

- b) Observação sistemática: tem planejamento, é realizada em condições controladas para responder aos propósitos pré-estabelecidos;
- c) Observação não-participante: o pesquisador presencia o fato, mas não participa;
- d) Observação individual: realizada por um pesquisador;
- e) Observação em equipe: feita por um grupo de pessoas;
- f) Observação na vida real: registro de dados à medida que ocorrem;
- g) Observação em laboratório: onde tudo é controlado.

2. Entrevista: é a obtenção de informações de um entrevistado, sobre determinado assunto ou problema. A entrevista pode ser:

- a) Padronizada ou estruturada: roteiro previamente estabelecido;
- b) Despadronizada ou não-estruturada: não existe rigidez de roteiro. Pode-se explorar mais amplamente algumas questões.

3. Questionário: é uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito pelo informante. O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento. No questionário tem-se perguntas abertas e fechadas. No questionário deve conter o objetivo da pesquisa, para que o entrevistado tenha noção do que ele estará respondendo.

4. Formulário: é uma coleção de questões perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com outra pessoa/o informante.

A elaboração das perguntas dos questionários, formulários e entrevistas devem ser claras, e manter uma estreita relação com o tema/problema, objetivos e hipóteses, e o mesmo procedimento deve ocorrer com o roteiro de observação.

Fase da redação ou comunicação

Esta fase inclui a análise de dados e a redação do relatório de pesquisa.

Após a coleta de dados (bibliográficos e documentais), julgados relevantes, inicia-se o processo de análise, classificação e interpretação das informações coletadas. É uma parte que exige paciência e criatividade, pois deve ultrapassar o nível da simples compilação de dados.

Segundo Pádua (2000, p.78, grifo nosso) essa etapa exige:

1. Classificação e organização das informações coletadas;
2. Estabelecimento das relações existentes entre os dados:
 - pontos de divergência;
 - pontos de convergência;
 - tendências;
 - regularidades;
 - princípios de causalidade;
 - possibilidades de generalização.
3. Quando necessário tratamento estatísticos dos dados.

Além desses fatores Pádua (2000) recomenda: pertinência, relevância e autenticidade das informações:

- a) Pertinência - o pesquisador deve verificar se a informação registrada pertence à área pesquisada e se é essencial à pesquisa; se não houve engano quando do fichamento pelo pesquisador;
- b) Relevância - a questão da relevância vai depender do conhecimento do pesquisador em relação a sua área de especialização e de uma análise comparativa de informações coletadas. Neste caso, a análise comparativa entre autores sobre aspectos semelhantes ou diferentes de um mesmo problema vai mostrar qual representa a melhor e mais adequada contribuição para a pesquisa.

- c) Autenticidade - ao longo da pesquisa pode-se encontrar citações não-documentadas, quando vários autores e obras são consultadas sobre determinado assunto; deve-se então localizar e documentar a informação original para que se possa incorporar como nota crítica da pesquisa.

Mediante essa triagem, o pesquisador deve partir para a organização das informações de forma que estas recebam uma ordenação e interpretação lógica.

Direcionando-se para a análise e interpretação dos dados empíricos, o pesquisador deve examinar “[...] os dados coletados submetendo-os a uma análise crítica, observando falhas, distorções, mal preenchimento dos textos e respostas” (BARROS; LEHFELD, 1991, p. 62-63).

Os mesmos autores recomendam que após esta etapa preparatória, a interpretação abrangerá os seguintes tópicos: classificação, codificação e tabulação das respostas e análise estatística dos dados e análise do conteúdo quantificável.

- a) **Processo de classificação:** divisão de todos os dados à base do estabelecimento de conjunto de **categorias**. Os dados obtidos são reunidos em classes ou grupos de acordo com os objetivos e interesses da pesquisa.
- b) **Categorização dos dados:** aqui o pesquisador deve traçar a categorização dos dados levando em consideração as seguintes regras básicas:

[...] o conjunto de categorias deve ser derivado em um único princípio de classificação; - o conjunto de categorias deve abranger toda e qualquer resposta obtida. Deve ser exaustivo; as categorias devem ser mutuamente exclusivas, isto é, não deve ser possível colocar determinada resposta em mais de uma categoria do conjunto (BARROS; LEHFELD, 1991, p. 64).

O estabelecimento de categorias deve partir dos objetivos da pesquisa. Pode-se dizer que nem sempre é fácil estabelecer as categorias, porém, antecipá-las facilitará bastante a representação estatística dos dados e sua interpretação.



Categorias: conceitos gerais que exprimem as diversas relações que podemos estabelecer entre ideias ou fatos. Originalmente significa acusação, no sentido de atribuir um predicado a algo ou alguém. Aristóteles, o primeiro a usar o termo em sentido técnico, assim chamava “categoria do ser” aos predicados gerais atribuídos ao mesmo, correspondendo, então, as distintas classes do ser, distintas classes de predicados.

c) **Processo de codificação** - “a codificação é o processo utilizado para a colocação ou classificação de cada informação em categorias, atribuindo a estas um símbolo.” (BARROS; LEHFED, 1991, p. 65).

1.Sexo: 2. Idade:

Masc. () 1 de 18 a 20 anos () 3 de 24 a 26 anos () 5 mais de 29 anos () 7

Fem. () 2 de 21 a 23 anos () 4 de 27 a 29 anos () 6

d) **Representação numérica dos dados (tabulação das respostas)** - estes são submetidos à análise estatística com a ajuda de computadores, utilizando o programa “Excel”, tendo como suporte a elaboração de índices e cálculos estatísticos, tabelas e gráficos. O processo de análise pode percorrer os seguintes estágios: análise univariada (quando representa os dados a respeito de uma única variável, ou melhor, a análise da frequência de cada questão pesquisada), análise bivariada (inclui tabulações cruzadas e a possibilidade de calcular diferentes medidas de associação entre variáveis); análise multivariada (utilizam-se medidas que buscam explorar o padrão de relações entre variáveis em muitos casos seria a agregação de variáveis).

Quanto à redação do relatório de pesquisa este deve ser redigido de modo apurado, ou seja, levando em consideração a impessoalidade, a objetividade, a clareza, a precisão, a coerência, a concisão e a simplicidade. A estrutura deve ser de acordo com a NBR 15.287/2005 da ABNT. Os detalhes sobre esse assunto serão abordados na unidade 4.



- 1** Quais são as fases do processo de pesquisa em educação?

- 2** Que elementos fazem parte da fase do planejamento, da execução e da redação?

- 3** Existem várias tipologias de delineamento de pesquisas sem agrupamentos e com agrupamentos. Para sua pesquisa você escolheria sem ou com agrupamentos? Por quê?



BASES EPISTEMOLÓGICAS E TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO EDUCACIONAL

Toda pesquisa científica se fundamenta em uma rede de pressupostos epistemológicos que definem o ponto de vista que o pesquisador tem sobre o mundo.

Ao identificar o eixo **epistemológico** o pesquisador terá maiores condições de analisar e interpretar o problema de pesquisa. Portanto, faz-se necessário escolher uma perspectiva, por que é através desta, que o pesquisador irá nortear a metodologia de sua pesquisa. Por outro lado é possível perceber ao final do trabalho científico a visão do pesquisador em relação ao homem, a sociedade e o mundo em geral.



OBJETIVO DESTA UNIDADE:

Identificar as diferentes concepções teóricas-metodológicas da investigação educacional

Epistemologia vem de dois termos gregos: *Epistéme* = Ciência e *Logos* = Tratado. Platão (427-348a.C.) distinguia *epistéme* = ciência exata, conhecimento certo, de *Dóxa* = opinião, probabilidade [...]. A epistemologia é a disciplina filosófica que se ocupa com a forma da ciência. Ela indaga sobre as afirmações científicas, por isto mesmo ela é uma reflexão crítica, do estilo filosófico, sobre tudo o que a ciência faz (OLIVEIRA et al., 1998, p. 195, grifo do autor).

Efetivamente existem várias correntes epistemológicas, entretanto, destacam-se apenas três por serem as mais indicadas para a pesquisa educacional: positivismo, fenomenologia e dialética.

Positivismo

O positivismo tem sua origem no Iluminismo, no Enciclopedismo e no Empirismo inglês. O fundador dessa corrente foi Augusto Comte. Este defendia um único método de investigação que valesse tanto para pesquisas naturais quanto sociais.

Iluminismo, “Linha filosófica caracterizada pelo empenho em entender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana” (ABBAGNANO, 2003, p.534).

Enciclopedismo, corrente do pensamento social Francês, representada pelos colaboradores da famosa *Encyclopédie* francesa: Voltaire, Montesquieu, Rousseau e outros.

Empirismo “significa experiência dos sentidos”. Considera que o real são fatos ou coisas observáveis e que o conhecimento se reduz a experiência sensorial.

O positivismo não aceita outra realidade que não seja baseada nos fatos, sendo a observação o método mais apropriado para o fazer científico.

Comte distingue a observação empírica da observação positiva: esta é considerada científica porque é realizada com método enquanto aquela é vulgar porque não estabelece vínculos entre diferentes fatos observáveis.

Segundo Meksenas (2002), para se observar positivamente, faz-se necessário obedecer a seguintes regras:

- a) seleccionar o observado (objeto, fato, evento);
- b) fragmentar os fatos (estudar a parte separada do todo);
- c) relacionar, comparar, medir e estabelecer similaridades entre as partes estudadas;
- d) perceber as repetições, detectar a sua regularidade, movimentos idênticos e desprezar aquilo que é episódico;
- e) estabelecer leis que identificam revisão de movimentos, regularidades e comportamentos futuros.

Obtendo as leis a respeito do fato é possível usar essas leis para observar outros fenômenos. Daí a máxima do positivismo: “saber para prever, prever para poder”.

Quando o cientista consegue com suas pesquisas antecipar os movimentos dos fenômenos físicos e sociais (saber para prever) é possível dominá-los, determinar as leis que os regem e, com isso, usufruir melhor o mundo em que vivemos (prever para poder) (MEKSENAS, 2002, p. 79).

A tendência positivista teve como maior esforço matematizar as diversas ciências - biologia, física, química, sociologia, economia, pedagogia e outras - estas só atingem os graus de cientificidade quando são capazes de utilizar a linguagem da matemática. Essa linguagem é que permite aos cientistas serem neutros.

Diante desse esforço de matematizar a ciência o positivismo lança mão do método quantitativo utilizando como instrumento de coleta o questionário fechado, as escalas, os testes, a observação etc.

Atualmente, essa tendência é chamada por alguns autores de empírico-analítico, isso porque “[...] os estudos se fundamentam em dados empíricos processados quantitativamente, coletados e

trabalhados com ‘objetividade e neutralidade’, e a partir de um referencial teórico, o pesquisador levanta hipóteses e as testa” (MARTINS, 1994, p. 2).

Com base em Richardson (1999) e Triviños (2006) apresenta-se um exemplo de pesquisa positivista na área da Pedagogia.

Tema: Fracasso escolar.

Delimitação do tema: O fracasso escolar nas escolas estaduais do ensino fundamental da cidade de São Luís, MA.

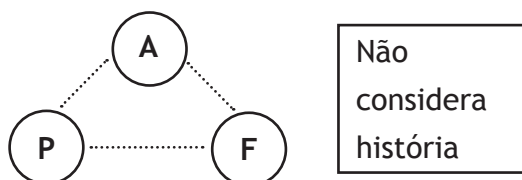
Formulação do problema: Existe relação entre o fracasso escolar nas escolas estaduais do ensino fundamental da cidade de São Luís, MA - e o nível socioeconômico da família, escolaridade dos pais, lugar onde está situada a escola, centro ou periferia, sexo dos educandos, anos de magistério dos professores e grau de formação dos mesmos?

Elementos a serem estudados:

Aluno

Professor

Família



Conforme o exemplo o pesquisador irá se preocupar em estudar as características dos elementos fundamentais e as possíveis relações entre: sexo, idade dos educandos, nível socioeconômico da família, escolaridade dos pais, local da escola, anos de magistério dos professores, metodologia de ensino etc.

Desse modo, o pesquisador irá enfatizar as relações entre as variáveis que devem ser objetivamente medidas, utilizando o apoio do método estatístico para atingir essa finalidade.

Fenomenologia



A tendência fenomenológica insere-se no **idealismo filosófico** e dentro deste o **idealismo subjetivo**. Esta tendência aparece como oposição ao objetivismo da ciência buscando substituir as construções explicativas pela descrição do vivido, ou seja, a descrição do ponto de vista daquele que vive a situação concreta.

Tem como expoente Edmund Husserl que acreditou ser a filosofia como “ciência rigorosa” e que deveria estabelecer as categorias puras do pensamento científico.

Mas afinal o que é “**A fenomenologia?** Triviños (2006, p. 43, grifo do autor) diz que é o *estudo das essências*, e todos os problemas, segundo elas, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”.

E fenômeno?

Para alguns o termo ‘fenômeno’ indica apenas sinônimo para ‘fato’. Entretanto, pode-se estabelecer uma distinção dizendo-se que ‘fenômeno’ é *o fato, tal como é percebido por alguém*. Os fatos acontecem na realidade, independentemente de haver ou não quem os conheça. Mas quando existe um observador, a percepção que este tem do fato é que se chama *fenômeno* (RUDIO, 1983, p. 11, grifo do autor).

Reforçando mais ainda sobre o conceito de Fenomenologia, Moreira (2002, p. 67, grifo do autor) comenta que:

A fenomenologia é uma **escola da filosofia** cujo propósito principal é estudar os fenômenos, ou aparências, da experiência humana. Os fenômenos estudados são aqueles vivenciados nos vários atos da consciência.

Desse modo, a Fenomenologia é a percepção ou atitude de abertura do ser humano para compreender o que se mostra.

Vergara (2005, p. 85-86) apresenta algumas características do método fenomenológico, a saber:

Idealismo filosófico, reconhece “o princípio espiritual como primeiro, e matéria como aspecto secundário.

Idealismo subjetivo, a única realidade é a consciência do sujeito” (TRIVIÑOS, 2006, p. 19).

- Permite explorar situações, valores e práticas com base na visão de mundo dos próprios sujeitos.
- Permite descobrir conhecimentos, ao invés de verificar o saber já conceituado.
- Os resultados da pesquisa não são generalizáveis estatisticamente, uma vez que se trabalha com amostras intencionais e experiências singulares.
- Exige do pesquisador habilidades para interagir com o pesquisado, conduzindo a entrevista sob a forma de um diálogo, reconduzindo a exploração de temas no decorrer da entrevista e mantendo-se atento a possíveis desvios relacionados à autenticidade do relato.

Além dessas características Vergara (2005, p.86) apresenta quatorze passos sobre como utilizar o método fenomenológico. Ela ressalta que a ordem não é rígida, podendo ser alterada conforme a situação. Observe:

- Definem-se o tema e o problema de pesquisa;
- Procede-se a uma visão da literatura pertinente ao problema de investigação e escolhe(m)-se a(s) orientação (ões) teórica (s) que dará (ão) suporte ao estudo;
- Selecionam-se os sujeitos da pesquisa;
- Elaboram-se questões gerais de pesquisa para orientar a coleta dos dados;
- Coletam-se os dados, em geral, por meio de realização de entrevistas abertas ou semi-estruturadas, bem como de observação participante;
- Transcreve-se o conteúdo das entrevistas, quando gravados;
- Procede-se à leitura crítica dos relatos;
- Procede-se à utilização de *clusters* ou grupos de análise;
- Interpretam-se os dados da pesquisa, o que pode ser feito por meio de análise interparticipante, ou seja, agregando à interpretação do pesquisador palavras dos próprios sujeitos;
- Elaboram-se proposições relativas à pesquisa, ou seja, enunciados que permitem a compreensão do fenômeno estudado;
- Resgata-se o problema que suscitou a investigação;
- Confrontam-se os resultados obtidos com a(s) teoria(s) que deu(ram) suporte à investigação;
- Formula-se a conclusão;
- Elabora-se o relatório de pesquisa.

Assim, nas pesquisas fenomenológicas o método e os instrumentos de coleta de dados são: observação participante, entrevistas, história de vida, relatos autobiográficos (escrita ou oral), depoimentos, vivências, narrações e análise do discurso.

O método fenomenológico não se limita à descrição passiva dos fenômenos, é também simultaneamente tarefa de interpretação, ou melhor, tarefa de hermenêutica. Em nível teórico, muitos pesquisadores têm recorrido à abordagem hermenêutica. Portanto, a apropriação do conhecimento dá-se por meio do círculo: compreensão - interpretação - nova compreensão, o que revela uma abordagem inacabada.



Para melhor entendimento sobre o exposto apresenta-se um exemplo de pesquisa fenomenológica na área da Pedagogia.

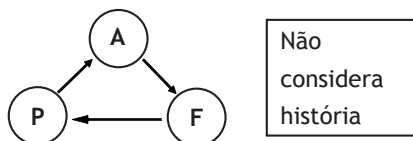
Tema: Fracasso Escolar

Delimitação do tema: O fracasso escolar nas escolas estaduais de ensino fundamental da cidade de São Luís, MA.

Formulação do problema: Quais são as causas, segundo a percepção dos alunos repetentes, dos pais e dos professores, do fracasso escolar e o significado que este tem para a vida dos estudantes que fracassaram, segundo estes mesmos, os pais e os educadores das escolas estaduais do ensino fundamental da cidade de São Luís, MA?

Elementos a serem estudados:

Alunos
Professores
Família



A
P
F

Percepção, Experiência, Subjetividade.

Dialética

Realizar uma pesquisa que segue uma tendência dialética nem sempre é fácil pois existe uma variedade de vertentes que podem confundir o pesquisador principiante. Como diz Demo (1994a, p.85) “Ademais não existe somente uma dialética, por exemplo, a marxista. Se assim fosse já não seria dialética”.

A dialética tem uma história antiga que passou por diferentes etapas de desenvolvimento. Buscando-se apoio em Richardson (1999) e Triviños (2006) as fases são:



Heráclito dizia que o mundo está em provimento graças a um princípio infinito, imortal e vivo que é o fogo. Na natureza, temos um movimento eterno: o fogo vive com a morte da terra, o ar vive com a morte do fogo, a água vive com a morte do ar, a terra vive com a morte da água.

1ª FASE: Dialética espontânea da antiga Grécia, representada por Platão, Aristóteles e Heráclito. Os dois primeiros entendiam como a arte da discussão (perguntas e respostas) e como uma técnica capaz de servir para classificar os conceitos e dividir os objetos em gêneros e espécies. Estes ressaltavam o aspecto “contraditório” do ser que, ao mesmo tempo que se transforma em outro, é único e múltiplo, imutável e passageiro. Já Heráclito defendia a dialética da mutabilidade do mundo e da transformação de toda propriedade em seu contrário.

2ª FASE: A dialética idealista dos filósofos alemães (século XVIII e XIX) Hegel se destacou por ser o criador da doutrina dialética. Ele considerava “o desenvolvimento do mundo como resultado de interação de forças opostas. Esse desenvolvimento estava diretamente relacionado ao desenvolvimento de um Espírito absoluto”. Hegel defende “[...] se concebe todo o mundo da natureza da história e do espírito como um processo, isto é, em constante movimento, mudança, transformação e desenvolvimento [...]” (HEGEL apud TRIVIÑOS, 2006, p.53).

3ª FASE: Dialética materialista (século XIX e XX) cujos representantes foram K. Marx, F. Engels e V. Lenin. Marx ressurgiu o método dialético para análise da realidade, buscou apoio em Hegel diferenciando o materialismo do idealismo e aplicou ao capital. Dessa forma, a dialética se apresenta como ciência das leis gerais do movimento exterior e da consciência humana.

Vale ressaltar que o marxismo compreende três aspectos principais: o materialismo dialético, o materialismo histórico, e a economia política.

Além da dialética marxista existe a dialética histórica-estrutural que segundo Demo (1994a) não é marxista, mas compartilha com muitos componentes do marxismo.

A abordagem crítico-dialética “tem como referencial teórico o materialismo histórico apoiando-se na concepção dinâmica da realidade e das relações dialéticas entre sujeito e objeto, entre conhecimento e ação, entre teoria e prática” (MARTINS, 1994, p.3).

Segundo Martins (1994, p.3). Atualmente a abordagem crítico-dialético vem ganhando espaço porque

privilegiam as experiências, práticas, processos/históricos, discussões filosóficas ou análises contextualizadas. Suas propostas são marcadamente críticas e pretendem desvendar mais o ‘conflito das interpretações’, o conflito de interesses. Buscam inter-relação do todo com as partes e vice-versa, da tese com a antítese, dos elementos da estrutura econômica com os da super-estrutura social, política jurídica e intelectual.

Nas pesquisas crítico-dialética o método adotado é o crítico - reflexivo e os instrumentos são: entrevista em profundidade, observação participante, história de vida, análise de conteúdo. Usa-se também estudo de caso, pesquisa-avaliação, pesquisa participante, pesquisa-ação, pesquisa histórica e pesquisa naturalística. Assim, essa abordagem se encontra mais adequada para a área da educação, haja vista sua postura ser marcadamente crítica.

Como referência ao que foi exposto apresenta-se um exemplo do enfoque crítico-dialético.

Tema: Fracasso escolar.

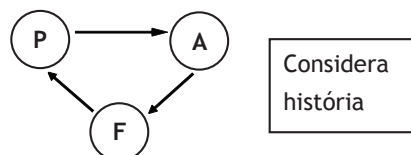
Delimitação: O fracasso escolar nas escolas estaduais de ensino fundamental da cidade de São Luís, MA.

Formulação do problema: Quais são os aspectos do desenvolvimento do fracasso escolar a nível local, regional, nacional e suas relações

com o processo de educação e da comunidade nacional e como se apresentam as contradições, primordialmente em relação ao currículo, formação e desempenho profissional dos professores e a situação de lugar da escola, centro ou periferia, dos alunos que fracassaram, e especificamente nas escolas estaduais do ensino fundamental da cidade de São Luís, MA?

Elementos

Alunos
Professores
Família



Nessa tendência verifica-se que há historicidade do fenômeno. Suas relações a nível mais amplo situam o problema dentro de um contexto complexo ao mesmo tempo que, dinamicamente e de forma específica, estabelece contradições possíveis de existir entre os fenômenos que caracterizam particularmente o tópico.

Para melhor compreensão sobre o exposto, apresenta-se no Quadro 5 uma síntese sobre os parâmetros teóricos metodológicos.

PARÂMETROS TEÓRICOS METODOLÓGICOS			
CARACTERÍSTICA	POSITIVISMO	FENOMENOLOGIA	DIALÉTICA
REPRESENTANTE	Augusto Comte	Edmund Russert	Karl Marx
OBJETO DE ESTUDO	Dados/ Fatos educacionais	Fenômenos educacionais	Realidade com base na práxis educativa Relevância aos aspectos teóricos e práticos
OBJETIVO DA PESQUISA	Expressar os fatos e fenômenos educacionais por instrumentos padronizados	Interpretar os sentidos e significações dos fenômenos educacionais como transferidos pelos sujeitos em estudo	Realizar pesquisa sempre aberta, inacabada, questionadora e contestadora, que exige o reexame da teoria e a crítica da prática visando à mudança natural, política, econômica e social
VISÃO DE MUNDO	Ordem do universo Leis naturais	Essência dos fenômenos	Matéria em movimento União dos contrários

VISÃO DA REALIDADE	Empirista A- histórica	Subjetiva A- histórica	Objetiva Histórica
MÉTODO	Indutivo- Dedutivo Quantitativo	Fenomenológico Qualitativo	Dialético (crítico- reflexivo) Quantitativo/ qualitativo
TÉCNICA	Observação sistemática Questionários fechados Teste de medida Escala de atitudes e de opiniões	Entrevistas/ vivências Depoimentos História de vida Análise do discurso	Fontes históricas Observação Entrevistas Questionários
CRITÉRIO DE VALIDADE	Princípio da verificação	Intersubjetividade	Crítério da prática (práxis)

Quadro 5: Parâmetros teóricos metodológicos
 Fonte: Richardson (1999) e Silva (2001), adaptado pelos organizadores



- 1 Destaque as características do positivismo.
- 2 Estabeleça a diferença entre fato e fenômeno.
- 3 Que propostas são recomendadas para a abordagem crítico-dialética?



UNIDADE

3

MÉTODOS DE PESQUISA

OBJETIVO DESTA UNIDADE:

Diferenciar os métodos de pesquisa científica.

De acordo com Denzin e Lincoln (1998), a pesquisa contemporânea em Ciências Sociais se estabelece sobre o ceticismo em relação às teorias universais e aos métodos gerais. Sendo assim, a pesquisa nas ciências sociais tem sido marcada por diversos estudos que apreciam a aplicação de métodos quantitativos na descrição e explicação dos fenômenos de seu interesse, ou seja, vem sendo fortemente marcada pelo pensamento positivista. Desta forma, ela passa a ser concebida como um modo de geração de conhecimento objetivo, controlada por regras precisas de ação, garantindo a neutralidade do pesquisador em relação ao pesquisado, sendo o rigor nos procedimentos atribuído meramente à natureza exata de testes.

De acordo com Trujillo (2001) o objetivo fundamental da pesquisa é tentar conhecer e explicar os fenômenos que ocorrem no mundo existencial, procurando descobrir como eles operam, qual a sua função e estrutura, por que e como se manifestam e até que ponto podem ser controlados. De forma semelhante, Selltitz et al, (1999) afirmam que um dos propósitos

da pesquisa é proporcionar maior familiaridade em relação a determinado fenômeno, visando, inclusive, ao desenvolvimento de hipóteses ou à formulação de um problema mais preciso.

Método qualitativo

As pesquisas de natureza qualitativa surgem menos como opositoras às pesquisas empíricas que como uma outra possibilidade de investigação. Nas abordagens qualitativas, o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando unicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador. Essa “compreensão”, por sua vez, não está ligada estritamente ao racional, mas é tida como uma capacidade própria do homem, imerso num contexto que constrói e do qual é parte ativa. O homem compreende porque interroga as coisas com as quais convive. Assim, não existirá neutralidade do pesquisador em relação à pesquisa, pois ele atribui significados, seleciona o que do mundo quer conhecer, interage com o conhecido e se dispõe a comunicá-lo. Também não haverá “conclusões”, mas uma “construção de resultados”, posto que compreensões, não sendo encarceráveis, nunca serão definitivas.

Por sua vez, Hancock (2002, p.2) afirma que:

[...] a pesquisa qualitativa está relacionada a achar as respostas a perguntas com as quais começam: por quê? como? de que modo? Por outro lado, a pesquisa quantitativa está mais preocupada com perguntas aproximadamente: quanto? quando? com que frequência? até que ponto?.

A investigação qualitativa é uma forma de estudo da sociedade que se centra na forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que elas vivem. Existem diferentes abordagens que são consideradas no âmbito

deste tipo de investigação, mas a maioria tem o mesmo objetivo: compreender a realidade social das pessoas, grupos e culturas. Os investigadores usam as abordagens qualitativas para explorar o comportamento, as perspectivas e as experiências das pessoas que eles estudam. A base da investigação qualitativa reside na abordagem interpretativa da realidade social (HOLLOWAY,1999).

Segundo Malhotra (2006, p.156), a pesquisa qualitativa “é uma metodologia de pesquisa não-estruturada e exploratória baseada em pequenas amostras que proporciona percepções e compreensão do contexto do problema.” Denzin e Lincoln (2006, p.16) acrescentam que:

[...] a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas. Em torno do termo pesquisa qualitativa, encontra-se uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições. Entre eles, estão as tradições associadas ao fundacionalismo, ao positivismo, ao pós-fundacionalismo, ao pós-positivismo, ao pós-estruturalismo e às diversas perspectivas e/ou métodos de pesquisa qualitativa relacionados aos estudos culturais e interpretativos.

Segundo Rodrigues Filho (2006), a abordagem qualitativa possui como ênfases: perspectivas dos participantes e suas diversidades; reflexividade do pesquisador e variedade de abordagens e métodos.

Como bem salienta Glazier e Powell (1992), esse tipo de pesquisa não é um conjunto de procedimentos que dependem fortemente de análise estatística para suas inferências ou de outros métodos quantitativos para a coleta de dados. De acordo com Godoy (1995, p.58):

[...] a pesquisa qualitativa parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Geralmente implica a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos mediante contato direto do pesquisador com a situação estudada. Com isso, busca-se a compreensão dos fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos que participam da situação em estudo.

Como se observa, a pesquisa qualitativa fundamenta-se na ideia de que um fenômeno pode ser melhor compreendido quando examinado no contexto em que ocorre e do qual faz parte. Para apreciá-lo de forma integrada, o pesquisador deve mergulhar na realidade, procurando interpretá-la a partir da perspectiva das pessoas nela envolvidas. A opção por essa modalidade de investigação deriva do tipo de problema a ser examinado e dos objetivos que se pretende alcançar. Entre as circunstâncias que geralmente ensejam o uso de métodos qualitativos destacam-se: quando se lida com problemas pouco explorados; quando o estudo é de caráter descritivo e o que se busca é a compreensão do fenômeno em toda a sua complexidade; e ainda quando se faz necessário compreender aspectos psicológicos, fatos do passado, características de grupos dos quais se dispõe pouca informação, estruturas sociais, atitudes individuais, motivações, expectativas, valores, opiniões etc.

Reis (1994, p. 11) sintetiza estas situações, explicando que do ponto de vista teórico a opção pelo método qualitativo se justifica quando:

- a) o pesquisador dispõe de pouca informação a respeito do assunto a ser pesquisado, tornando-se necessário explorar o conhecimento que as pessoas têm em função de sua experiência ou até mesmo do senso comum;
- b) quando o fenômeno específico a ser estudado só pode ser captado através da observação ou quando o objeto da investigação é o funcionamento de uma estrutura social que exige conhecimento de um processo etc;
- c) quando procuramos explorar aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados adequadamente através de outra metodologia, em função de sua complexidade.

Cabe considerar, entretanto, que o método qualitativo se define como tal não apenas por seu objeto de estudo ou por sua finalidade, mas principalmente pela forma como esse objeto é estudado.

Dentre os elementos mais citados na literatura corrente para tipificar a pesquisa qualitativa, Triviños (2006) destaca:

- a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento: isso significa que a investigação de natureza qualitativa exige o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo analisada. Argumenta-se que o pesquisador realmente deve se manter em contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos se manifestam naturalmente porque estes são muito influenciados pelo seu contexto. Parte-se do pressuposto de que as circunstâncias particulares em que cada fenômeno ocorre são essenciais à sua compreensão. As pessoas, os gestos, a cultura, as palavras estudadas e outros elementos igualmente relevantes devem ser considerados frente ao contexto de que fazem parte. Por isso, geralmente afirma-se que o pesquisador deve se comportar como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.
- b) a pesquisa qualitativa é descritiva: nesse tipo de pesquisa, os dados coletados são ricos em descrição de pessoas, situações, fatos históricos, comportamentos, atitudes etc. O material coletado normalmente inclui transcrições de entrevistas e depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Quando “a investigação se baseia na fenomenologia, ela assume caráter essencialmente descritivo.” (TRIVIÑOS, 2006, p.128). O autor explica que como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes atribui, e como elas são produto de uma visão subjetiva, evita-se qualquer expressão quantitativa, numérica, ou seja, todo tipo de mensuração. Isto significa que a interpretação dos resultados deve se basear na percepção de um fenômeno inserido em determinado contexto.
- c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto: comentando essa característica, Ludke e André (2001, p.12) dizem que o “interesse do pesquisador ao investigar um determinado problema é principalmente o de verificar como

ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.”

- d) o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa: na pesquisa qualitativa, o significado que os indivíduos atribuem às coisas e à sua própria vida é foco de atenção especial do pesquisador. Busca-se compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes. Assim, a maneira como os indivíduos encaram as questões que estão sendo focalizadas assume grande importância na análise qualitativa.
- e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo: em estudos de cunho qualitativo, o pesquisador não parte de hipóteses estabelecidas a priori, ou seja, não se preocupa em buscar evidências que comprovem ou neguem suposições iniciais. Pelo contrário, tudo começa com questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no transcorrer da investigação.

Na pesquisa qualitativa, principalmente, a interpretação dos fenômenos não é um ato autônomo, isolado. Pelo contrário, trata-se de uma atividade complexa que consiste na leitura de acontecimentos situados numa dimensão espaço-temporal. Assim, o pesquisador de orientação qualitativa interpreta com o auxílio dos outros (sujeitos pesquisados, escritores, pessoas com as quais convive, referências culturais, políticas etc.) e os significados vão sendo construídos por meio das interações diárias. Como destacam alguns autores, o olhar qualitativo é típico de investigadores cujas estratégias de pesquisa privilegiam a compreensão do sentido dos fenômenos sociais para além de sua explicação em termos de causa e efeito.

Do exposto, verifica-se que os estudos qualitativos se caracterizam basicamente pelos seguintes aspectos: são realizados numa situação natural; são ricos em dados descritivos, obtidos em contato direto do pesquisador com a situação estudada; enfatizam mais o processo do que o produto; preocupam-se em retratar a perspectiva dos participantes; têm um plano aberto e flexível e focalizam

a realidade de forma complexa e contextualizada. Além disso, quanto aos objetivos vimos que eles procuram, principalmente: descrever a complexidade de um problema, através de dados profundos e reais; analisar um processo de interação entre certas variáveis; compreender processos dinâmicos, visando a classificá-los; e compreender particularidades do comportamento dos indivíduos e poder analisá-las.

Malhotra (2006) aponta várias razões para usar a pesquisa qualitativa. No seu entender, nem sempre é possível, ou conveniente, utilizar métodos plenamente estruturados ou formais para obter informações dos respondentes. Determinados valores, emoções e motivações que se situam no nível subconsciente são encobertos ao mundo exterior pela racionalização e outros mecanismos de defesa do ego. Em tais casos, a melhor maneira de obter a informação desejada é mediante a pesquisa qualitativa. Esses procedimentos são classificados, segundo o autor, como diretos ou indiretos, dependendo da condição dos entrevistados conhecerem ou não o verdadeiro objetivo da pesquisa. Uma abordagem direta não é encoberta. O objetivo da pesquisa é revelado aos respondentes, ou então fica evidente pelas próprias questões formuladas.

Dentre as técnicas mais utilizadas em pesquisas qualitativas, pode-se destacar a *entrevista individual* e a *observação participante em grupos*. Pode-se considerar que os grupos focais, como uma *entrevista em grupo*, combina elementos dessas duas abordagens.

Segundo Oliveira e Freitas (1998), os grupos focais possuem destaque na abordagem qualitativa porque propiciam riqueza e flexibilidade na coleta de dados, normalmente não disponíveis quando se aplica um instrumento individualmente, além do ganho em espontaneidade pela interação entre os participantes. Por outro lado, exige maior preparação do local, assim como resulta em menor quantidade de dados (por pessoa) do que se fosse utilizada a entrevista individual.

Para Denzin e Lincoln (1998), a investigação qualitativa se assemelha a uma bricolage, através da qual o pesquisador (*bricoleur*) lança

mão de múltiplas estratégias e métodos, bem como de materiais empíricos diversos, para “produzir” uma resposta adequada a um problema concreto.

A Figura 1 apresenta as principais etapas do método qualitativo.

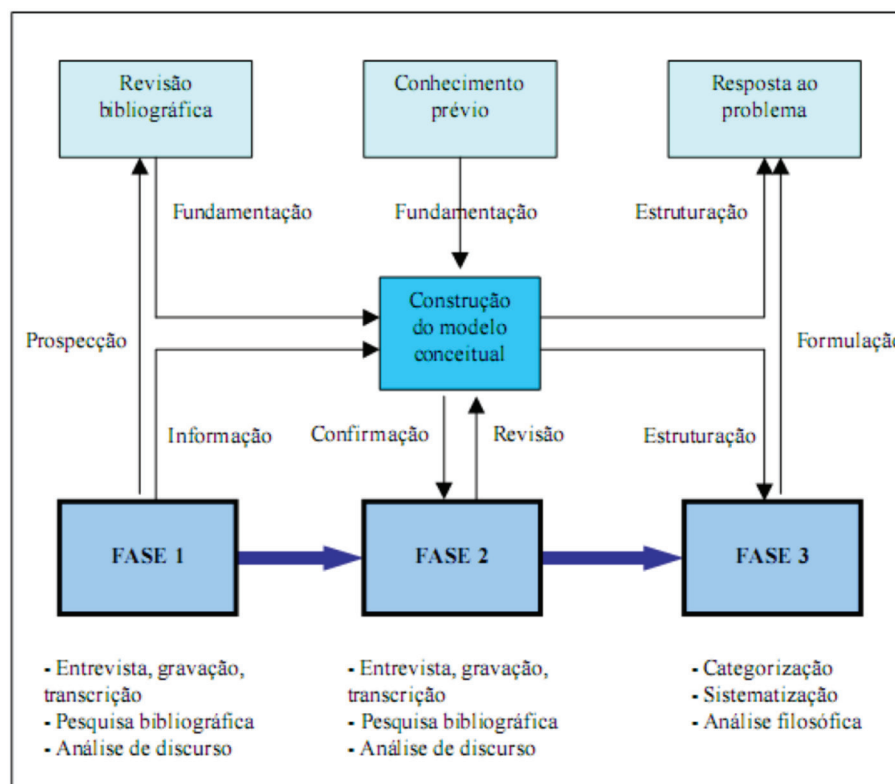


Figura 1: Modelo do processo de pesquisa não linear
Fonte: Santos (2005)

Método quantitativo

O método quantitativo possui tradição nas Ciências Naturais e baseia-se numa visão positivista, sendo que o seu objetivo é verificar a partir de medição numérica.

Precisamos considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências e medidas têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer

com eles, e que deixam claro seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema, as quais guiam as análises e as interpretações.

O método quantitativo vem da tradição das ciências naturais, onde as variáveis observadas são poucas, objetivas e medidas em escalas numéricas. Filosoficamente, a pesquisa quantitativa baseia-se numa visão dita positivista onde:

1. As variáveis a serem observadas são consideradas objetivas, isto é, diferentes observadores obterão os mesmos resultados em observações distintas;
2. Não há desacordo do que é melhor e o que é pior para os valores dessas variáveis objetivas;
3. Medições numéricas são consideradas mais ricas que descrições verbais, pois elas se adequam à manipulação estatística (WAINER, 2009, p. 6).

No emprego dos métodos quantitativos precisa-se considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências e medidas têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, e que deixam claro seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema.

Nesse tipo de abordagem, os pesquisadores buscam exprimir as relações de dependência funcional entre variáveis para tratarem do como dos fenômenos. Eles procuram identificar os elementos constituintes do objeto estudado, estabelecendo a estrutura e a evolução das relações entre os elementos. Seus dados são métricos (medidas, comparação/padrão/metro) e as abordagens são experimental, hipotético-dedutiva, verificatória. Eles têm como base as metateorias formalizantes e descritivas.

Como conclusão sobre o exposto apresenta-se no Quadro 6 as diferenças entre pesquisa qualitativa e quantitativa.

PESQUISA QUALITATIVA	PESQUISA QUANTITATIVA
Subjetivo	Objetivo
Soft Science	Hard Science
Desenvolve a Teoria	Testa a Teoria
Descoberta, descrição, compreensão, interpretação partilhada	Redução, controle, precisão
Organicista: o todo é mais do que as partes	Mecanicista: partes são iguais ao todo
Possibilita narrativas ricas, interpretações individuais	Possibilita análise estatísticas
Os elementos básicos da análise são palavras e ideias	Os elementos básicos da análise são os números
O pesquisador participa do processo	O pesquisador mantém distância do processo
Depende do contexto	Independente do contexto
Gera ideias e questões para pesquisa	Teste de hipótese
O raciocínio é dialético e indutivo	O raciocínio é lógico e dedutivo
Descreve os significados, descobertas	Estabelece relações, causas
Busca particularidades	Busca generalizações
Preocupa-se com a qualidade das informações e respostas	Preocupa-se com as quantidades
Utiliza a comunicação e observação	Utiliza instrumentos específicos

Quadro 6 : Comparativo entre pesquisa qualitativa e quantitativa



- 1 Estabeleça a diferença entre método qualitativo e quantitativo.
- 2 Quando se justifica o método qualitativo?
- 3 Qual a contribuição do positivismo para a pesquisa quantitativa?

PROJETO E RELATÓRIO DE PESQUISA

Toda pesquisa exige um projeto que deve ser elaborado e sistematizado de acordo com as recomendações técnicas da metodologia científica. O projeto irá direcionar o pesquisador quanto a execução de sua pesquisa. Após a execução do projeto, o pesquisador deverá comunicar seus resultados através de um relatório, ou de um artigo, ou de um trabalho de conclusão de curso. Assim, o projeto e o relatório de pesquisa aqui apresentados têm respaldo na norma da ABNT.

Construção do projeto

O projeto de pesquisa é considerado uma carta de intenções. Nele se apresenta as etapas mais importantes de uma pesquisa científica.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define projeto de pesquisa como aquele que “compreende uma



OBJETIVO DESTA UNIDADE:

Reconhecer os elementos constitutivos de um projeto e de um relatório de pesquisa.

das fases da pesquisa. É a descrição da sua estrutura” (ABNT, 2005, p. 2).

Antes de iniciar a elaboração do projeto, o pesquisador deve ter em mente o problema da pesquisa. Um estudo exploratório deve ser efetivado, procurando detectar os elementos que evidenciam o surgimento do problema. Assim, o estudo exploratório dará subsídios necessário para a formulação da delimitação do problema.

De certa forma o projeto de pesquisa se propõe a responder as seguintes questões:

- a) O quê? (tema, problema, hipótese);
- b) Por quê? (justificativa pela escolha do tema);
- c) Para quê? (objetivo);
- d) Como? (metodologia);
- e) Quando? (cronograma);
- f) Quanto? (orçamento);
- g) Quem? (pesquisadores).

Estrutura

Conforme a NBR 15287/2005 da ABNT, a estrutura de um projeto de pesquisa compreende elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

a) Elementos pré-textuais:

- Capa (opcional):

Nome da entidade e subordinação;

Nome(s) do(s) autor(es);

Título e subtítulo (se houver);

Local (cidade);

Ano de depósito (entrega).

- Folha de rosto (obrigatório):

Nome(s) do(s) autor(es);

Título e subtítulo (se houver);

Tipo de projeto de pesquisa e nome da entidade a que deve ser submetido;

Local (cidade);

Ano de depósito (entrega).

Vale ressaltar que o título do projeto deve reunir as seguintes qualidades: simples, sugestivo e informativo.

Simples - a simplicidade decorre do tamanho do título - sempre que possível curto (no máximo 15 palavras); deve-se dar preferência ao emprego de palavras correntes (mais conhecidas) procurando vincular ao tema ou problema.

Sugestivo - mesmo simples o título deve chamar a atenção, para motivar e atrair o leitor leigo ou técnico sobre o conteúdo do documento.

Informativo - quando deixa claro a que campo do conhecimento pertence a pesquisa e qual o objetivo principal que se pretende alcançar.

Há vários lugares comuns que, mesmo não tendo o seu uso proibido, devem ser evitados tais como: Estudos sobre...Considerações... Observações gerais... Contribuição para... e outros similares.

Não se recomendam títulos-frases e títulos-perguntas. O título também não deve ter fórmulas ou símbolos de qualquer espécie.

Os títulos longos devem ser divididos em título e subtítulo, separados por dois pontos, sendo que a primeira parte contém sempre a ideia principal.

Ex: EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA AS ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: uma proposta curricular

- Sumário (obrigatório): elaborado conforme ABNT NBR 6027/2003

b) Elementos textuais:

1 INTRODUÇÃO

Nesta parte deve aparecer o tema, a problemática, o problema, a(s) hipótese(s) quando couberem, e a justificativa. Estes são apresentados em texto corrido.

1. Tema do projeto (não confundir temática com tema), ex: Educação (temática, sentido amplo); Educação ambiental (tema, sentido restrito).
2. Situação problema ou problemática inclui dados e/ou informações que dimensionam o estágio atual do fenômeno. No dizer de Laville e Dionne (1999, p. 98) problemática é “o quadro no qual se situa o problema e não o próprio problema.” Assim, antes do problema o pesquisador deve contextualizar ou melhor situar o quadro no qual se situa a percepção de um problema.
3. Problema - este deve ser em forma de pergunta. Tem como base os pronomes interrogativos ou termos que implicam interrogação. Ex: Qual é?, Qual é a relação?, Quais são?, Quem é/são?, Por que?, Onde?, Como?, É possível?, Até que ponto?, De que forma?, e outros.

Exemplo: Até que ponto as competências interpessoais, motivacionais e intelectuais estão sendo desenvolvidas pelos professores no ensino médio das escolas estaduais de São Luís, MA?

4. Hipótese - a hipótese é uma resposta ao problema que por sua vez envolve uma possível verdade, um resultado provável. É uma verdade intuída com o apoio de uma teoria. Em geral as hipóteses se enquadram mais aos estudos experimentais. “Nos estudos exploratórios e descritivos, não há necessidade de apresentar as hipóteses” (ANDRADE, 1994, p.115). Neste caso, os estudos são direcionados pelos objetivos específicos ou questões norteadoras.

5. Justificativa - é possível justificar um projeto através de sua importância (social, política, prática etc.). Sua oportunidade (se é apropriado para aquele momento); e sua viabilidade (viável em termos de custos e acesso as informações. Essas dimensões muitas vezes aparecem interligadas fazendo-se também acompanhar das contribuições teóricas e práticas que a pesquisa proporcionará. Segundo Richardson et al (1999, p.57) “Em geral, a justificativa [introdução] deveria ter, no máximo, duas páginas [folhas] e não inclui citações (a revisão do conhecimento acumulado forma parte da definição do problema).” Neste caso, a justificativa é pessoal.

2 OBJETIVOS

Define-se como algo que se pretende alcançar. Estes devem manter uma estreita relação com o problema levantado. São divididos em geral e específicos.

O geral destaca o propósito principal da pesquisa. Os específicos referem-se as etapas que devem ser cumpridas para atingir o objetivo geral. Estes devem iniciar com verbo no infinitivo, e expressar apenas uma ideia, ou seja, incluir apenas um sujeito e um complemento.

Exemplo: Caracterizar a concepção teórica de Paulo Freire

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É denominada também de referencial teórico ou revisão de literatura. Neste item devem ser destacados os conceitos teóricos de diferentes autores sobre o problema estudado, procurando comparar e contrastar as perspectivas dos autores e concluir definindo e justificando o conceito que será utilizado. Assim, a revisão de literatura estabelece um diálogo entre teoria e o problema a ser investigado.

Recomendações relevantes:

- a) O texto deve ter começo, meio e fim;
- b) Ter um texto introdutório explicando o objetivo da fundamentação teórica;
- c) Fundamentação teórica-não é colagem de citação bibliográfica, então: faça uma abertura e o fecho para os tópicos tratados,

preencha as lacunas com considerações próprias, crie elos entre citações; consulte as normas de citações ABNT- NBR 10520/02.

4 METODOLOGIA

Na metodologia deve aparecer a base epistemológica que dará sustentação à pesquisa. De acordo com o tema/problema o pesquisador deverá escolher a perspectiva que dará sustentação à sua pesquisa seja ela positivista, fenomenológica ou crítico-dialética.

Em seguida indicar o método de abordagem se é quantitativo ou qualitativo ou os dois. Apresentar o tipo de pesquisa quanto aos objetivos (exploratória, descritiva e explicativa) e quanto aos procedimentos (bibliográfica documental, estudo de caso, participante, pesquisa ação etc.). Estes devem ser conceituados e justificados à luz da investigação específica.

Se a pesquisa for de campo, especificar o universo (produtos, pessoas, escolas); a amostragem (tipo da amostra e a determinação do seu tamanho). Especificar também os instrumentos de coleta de dados: questionários, entrevistas, observação etc. O plano de análise de dados devem aparecer. No caso de análise quantitativa especificar o tratamento de dados: tabelas, gráficos etc. No caso de análise qualitativa especificar as técnicas utilizadas: análise documental, análise de conteúdo ou análise de discurso.

5 RECURSOS

Deve incluir os recursos humanos, materiais e financeiros. Quando se tratar de um projeto que implica recursos próprios este item deve ser suprimido. Já projetos que implicam aprovação e solicitação de bolsas é necessário a descrição destes.

6 CRONOGRAMA

Todas as etapas do projeto devem ser mencionadas rigorosamente em ordem cronológica e respectivos prazos.

Elementos pós-textuais

REFERÊNCIAS

Elemento obrigatório, onde se relacionam as obras que foram consultadas para elaboração do projeto. Devem vir em ordem alfabética e obedecer as normas da ABNT- NBR 6023/2003.

APÊNDICES

Material elaborado pelo próprio autor, tais como: questionário, entrevista, formulário e outros. Trata-se de um elemento opcional.

A norma indica também os anexos e índices como elementos opcionais. As regras gerais de apresentação quanto ao formato devem ser apresentadas em papel branco formato A4 digitados no anverso das folhas em cor preta; recomenda-se a utilização de fonte 12 para todo o texto, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, paginação e legendas das ilustrações e das tabelas, que devem ser digitados em tamanho menor e uniforme.

No caso de citações de mais de três linhas, deve-se observar, também um recuo de 4 cm de margem esquerda. Para textos datilografados, observa-se apenas o recuo. As folhas devem apresentar margem esquerda e superior 3 cm e direita e inferior 2 cm. Todo o texto deve ser digitado ou datilografado com espaço 1,5 entrelinhas, excetuando-se as citações de mais de três linhas, notas de rodapé, referências, legendas das ilustrações e das tabelas, tipo de projeto de pesquisa e nome da entidade, que devem ser digitados ou datilografados em espaço simples.

As referências ao final do projeto devem ser separadas entre si por dois espaços simples. Para evidenciar a sistematização do conteúdo do projeto, deve-se adotar a numeração progressiva para as seções do texto. Os títulos das seções primárias, por serem as principais divisões de um texto, devem iniciar em folha distinta. A paginação inicia-se na folha de rosto, contadas sequencialmente, mas não numeradas. A numeração é colocada a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo 2 cm da borda direita da folha.

Estrutura do relatório

O relatório é a última etapa do processo de pesquisa. A comunicação dos resultados da pesquisa é de responsabilidade do pesquisador que deve dar atenção rigorosa a estrutura do texto, ao seu estilo e à sua apresentação gráfica.

O relatório técnico-científico segundo a ABNT NBR-10719 (1989):

[...] é um documento que relata formalmente os resultados ou progressos obtidos em investigação de pesquisa e desenvolvimento ou que descreve a situação de uma questão técnica ou científica. O relatório técnico apresenta, sistematicamente, informação suficiente para um leitor qualificado, traça conclusões e faz recomendações.

Vergara (2004, p. 71) diz que:

Relatório é o relato do que desencadeou a pesquisa, da forma pela qual ela foi realizada, pelos resultados obtidos, das conclusões a que se chegou e das recomendações e sugestões que o pesquisador faz a outros.

Estrutura

A estrutura do relatório para este trabalho tem como base a ABNT-NBR 10719/89 com algumas adaptações. Sua estrutura compreende: elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais.

Elementos pré-textuais:

1. Capa (obrigatória);
2. Folha de rosto (obrigatória);
3. Agradecimentos (opcional);
4. Resumo (obrigatório, deve obedecer a NBR 6028/03);
5. Lista de ilustrações (opcional);
6. Lista de tabelas (opcional);
7. Lista de abreviaturas e siglas (opcional);

8. Lista de símbolos (opcional);
9. Sumário (obrigatório e deve obedecer a NBR 6027/03).

A disposição gráfica dos elementos pré-textuais do relatório é semelhante ao projeto.

Elementos textuais:

- a) **Introdução** - primeira parte do relatório que apresenta a situação problema, o problema, os objetivos, os motivos de sua elaboração (justificativa), bem como as relações com outros trabalhos; não deve repetir ou parafrasear o resumo, nem dar detalhes sobre a teoria experimental, o método ou os resultados ou ainda antecipar as conclusões e recomendações, mas apenas apresentar o assunto como um todo, sem detalhes.
- b) **Desenvolvimento** - parte mais importante e extensa do texto, onde é exigido raciocínio lógico e clareza. Deve ser dividido em tantas seções e subseções quantas forem necessárias para o detalhamento da pesquisa e /ou estudo realizado (descrição de métodos, teorias, procedimentos experimentais, discussão de resultados, entre outros). As descrições apresentadas devem ser suficientes para permitir a compreensão das etapas da pesquisa. Todas as ilustrações (fluxograma, fotografias, gráficos, mapas, quadros e outros) ou tabelas essenciais à compreensão do texto devem ser incluídos nesta parte do relatório. As citações servem para dar maior clareza ao texto, relacionando as ideias expostas com ideias defendidas em outros trabalhos por outros autores. Estas são apresentadas de acordo com o sistema escolhido (numérico ou alfabético).
- c) **Conclusões ou recomendações** - devem figurar clara e ordenadamente as deduções tiradas do resultado do trabalho ou levantados ao longo da discussão do assunto, dados quantitativos não devem aparecer na conclusão, nem tampouco resultados comprometidos e passíveis de discussão. As recomendações são declarações concisas de ações, julgadas necessárias a partir das conclusões obtidas, a serem usadas no futuro.

Cervo e Bervian (1978) apresentam três características principais de uma conclusão:

- **essencialidade** - resumo marcante dos argumentos principais é síntese interpretativa dos elementos dispersos pelo trabalho;
- **brevidade** - enérgico, breve, exato, firme e convincente;
- **personalidade** - deve definir o ponto de vista do autor, por ser resultado do seu trabalho, portanto, justo que traga sua marca pessoal.

Elementos pós-textuais:

a) Referências (obrigatório) - reúne os documentos mencionados no texto. Estes devem obedecer a norma de referências NBR 6023/02.

b) Apêndices (opcional) - são os textos elaborados pelo próprio autor a fim de complementar sua argumentação.

Ex: APÊNDICE A - Modelo de questionário

c) Anexos (opcional) - servem de fundamentação, comprovação ou ilustração.

Ex: ANEXO A - Modelo de formulário padrão

Como se viu, o relatório de pesquisa como qualquer trabalho acadêmico obedece uma estrutura básica. Para tanto, o conteúdo também deve ser levado em consideração, visto que é um elemento relevante no momento em que o pesquisador irá elaborar o seu relatório.



1 Que elementos devem aparecer em uma introdução de um projeto de pesquisa?

2 Ao se elaborar um título de projeto de pesquisa deve-se observar três qualidades. Quais são elas?

3 Destaque os elementos que devem ser incluídos na metodologia de um projeto de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação-referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6027**: sumário-procedimento. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação-resumo - procedimentos. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação-citações em documentos - apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 10719**: apresentação de relatórios técnicos científicos. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação-trabalhos acadêmicos. Rio de Janeiro, 2005.

_____. **NBR 15287**: informação e documentação-projeto de pesquisa - apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução a metodologia do trabalho científico: elaboração do trabalho na graduação.** São Paulo: Atlas, 1994.

BARROS, Aidil de J. Paes; LEHFELD, Neide A. de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

BEUREN, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2003.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários.** 2. ed. São Pulo: Mc Graw-hill do Brasil, 1978.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1994a.

_____. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas.** Rio de Janeiro, 1994b.

DENCKER, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 8. ed. São Paulo: Futura, 2004.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Entering the field of qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.) **Strategies of qualitative inquiry.** California: Sage, 1998.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GLAZIER, J. D., POWELL, R. R. **Qualitative research in information management.** Englewood, CO: Libraries Unlimited, 1992.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.2, p.57-63, mar./abr. 1995.

GRANEMANN, Gladis. **Apostila de metodologia científica.** Brasília, DF: UCB, 2007.

HANCOCK, Beverley. **An introduction to qualitative research**. Nottingham: Division of General Practice University of Nottingham/Trent Focus Group, 2002.

HOLLOWAY, I. **Basic Concepts for Qualitative Research. Basic Concepts for Qualitative Blackwell Science**. Oxford, UK., 1999.

LAVILLE, Cristian; DIONE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO, Elói; COSMA, José; BAPTISTA, Naidison. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Metodologia convencionais e não-convencionais e a pesquisa em administração. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v. 00, n. 0, p. 1-5, 2º sem. 1994.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e praticas**. São Paulo: Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 9. ed. Petrópolis, 1998.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

OLIVEIRA, Admardo S. de et al. **Introdução ao pensamento filosófico**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

OLIVEIRA, Mirian; FREITAS, Henrique M.R. Focus Group. Pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. **Revista de Administração**. São Paulo. v. 33, n. 3, p. 83-91, jul./set. 1998.

PÁDUA, Elisabete M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 6. ed. rev. e ampl. Campinas: Papirus, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES FILHO, José. **Anotações de palestras e seminários**. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

SANTOS, Hélio Tadeu M. dos. O método qualitativo na investigação de sentidos: uma proposta multipolar para estudos organizacionais. In: VIEIRA, Marcelo M. F.; ZOUAIN, Debora M. (Org.). **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. cap. 4.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1999.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Apostila de metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

TRUJILLO FERRI, Alfonso. **Metodologia da Ciência**. 2. ed. Rev. e ampliado. São Paulo: Kennedy Ed. 2001.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WAINER, Jacques. **Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a ciência da computação**. Disponível em: < <http://www.dcc.unicamp.br/~wainer/papers/metod07.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2009.

UemaNet - Núcleo de Tecnologias para Educação
Informações para estudo

Central de Atendimento

0800-280-2731

Sites

www.uema.br

www.uemanet.uema.br

<http://ava.uemanet.uema.br>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA

NÚCLEO DE TECNOLOGIAS PARA EDUCAÇÃO - UEMANET

Caro Estudante,

No sentido de melhorar a qualidade do material didático, gostaríamos que você respondesse às questões abaixo com presteza e discernimento. Após, destaque a folha da apostila e entregue ao seu Tutor. Não é necessário assinar.

Município: _____ Polo: _____

Turma: _____ Data: ____ / ____ / ____

Responda as questões abaixo de forma única e objetiva

[O] - ótimo, [B] - bom, [R] - regular, [I] - insuficiente

1	Qualidade gráfica	[O]	[B]	[R]	[I]
1.1	Encadernação gráfica				
1.2	Formatação da apostila				
1.3	Ícones apresentados são informativos				
1.4	Tamanho da fonte (letra)				
1.5	Tipo de fonte está visível (Arial, Times New Roman...)				
1.6	Qualidade de ilustração				

2	Conteúdo	[O]	[B]	[R]	[I]
2.1	Coesão				
2.2	Coerência				
2.3	Contextualizado com a realidade e prática				
2.4	Organização				
2.5	Programa da disciplina (Ementa)				
2.6	Incentiva à pesquisa				

3	Atividades	[O]	[B]	[R]	[I]
3.1	Atividades relacionadas com a proposta da disciplina				
3.2	Atividades relacionadas com a realidade e a prática				
3.3	Relacionadas ao conteúdo				
3.4	Contextualizadas com a prática				
3.5	Claras e de fácil entendimento				
3.6	Estão relacionadas com as questões das avaliações				
3.7	São problematizadoras e incentivam à reflexão				
3.8	Disponibilizam uma bibliografia complementar				

O MATERIAL CHEGA EM TEMPO HÁBIL? SIM () NÃO ()